

Nome: Libertarianismo	Endereço: www.libertarianismo.com
Data: 22/04/2009	Mídia: Site/Jornal

Salim Mattar no Forum da Liberdade - II de II

Abandono do capitalismo

A Grande Depressão dos anos 30 do século passado induziu as pessoas a um maciço abandono mundial do capitalismo, e a uma súbita aproximação do socialismo e do comunismo, que continuou até os anos 60. A Grande Depressão criou também uma crença de que o futuro está na administração da economia pelo governo, não em mercados mais livres.

O resultado foi o crescimento, geralmente lento, durante aquelas décadas, na maior parte do mundo menos desenvolvido, inclusive na China, nas nações do bloco soviético, na Índia e na África. Isto leva os governos a uma visão comum, mas equivocada, até entre muitos defensores do livre mercado, que é melhor fazer algo para tentar ajudar a economia do que não fazer nada.

A maior parte das intervenções, inclusive as políticas casuais, por sua própria natureza, prejudicam em vez de ajudar, em grande parte acrescentando problemas à incerteza e ao risco, que já são tão acentuados, durante esta recessão.

As reações dos governos demonstraram o perigo que as intervenções destinadas a ajudar podem é exacerbar o problema. E como os governos continuam determinando quantas restrições querem impor aos mercados, especialmente aos mercados financeiros, a destruição de riqueza pela recessão deve ser colocada no contexto e comparada com a enorme criação de riqueza e melhora do bem-estar durante as três décadas passadas.

De acordo com Ludwig von Mises, da Escola Austríaca de Economia, o intervencionismo do Estado no mercado não realiza os seus fins pretendidos. Em vez disso, ele altera o mercado. E aquela distorção precisa de ajuste. O resultado é mais distorção, conduzindo a mais intervenção e à concomitante estagnação causadora, muitas vezes, de falência de negócios.

Uma prova real é a presente crise econômica que assola a economia mundial. O presidente Herbert Hoover, dos Estados Unidos, nos anos 20 do século passado, fez intervenções no mercado, com gastos públicos para tentar aumentar o nível de emprego causado pela lei federal americana que garantia uma linha direta de crédito pelo Tesouro para financiamento da casa própria através de hipotecas, que

expandiu imoderadamente o crédito bancário, o que resultou na formação de um verdadeiro castelo de cartas nos investimentos especulativos na Bolsa de Nova York, causando a quebra daquela Bolsa em 1929, e levando os Estados Unidos e o mundo à maior depressão econômica da história.

Eleito o presidente Franklin Roosevelt em 1932, este aplicou as idéias do economista inglês Lord John M. Keynes, que recomendavam que o Estado deveria gastar em investimentos para reanimar a atividade econômica reduzida e promover o aumento da taxa de emprego. O Prof. Friedrich Hayek, ex-aluno do Prof. Ludwig von Mises na Escola Austriaca de Economia, e colega de Keynes na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, avisou que os elevados gastos estatais trariam (i) inflação, (ii) nova queda na atividade e (iii) novo surto ainda maior de desemprego.

Tal não ocorreu logo porque estourou a segunda Guerra mundial, em 1939, e os Estados Unidos, que só entraram na guerra no fim de 1941, após o bombardeio japonês na Base Naval americana em Pearl Harbour, no Havai, passaram a fornecer à Europa não só armas, munição, veículos e soldados, mas aviões, tanques de guerra, petróleo, alimentos, vestuário e remédios.

Como resultado, o PIB americano cresceu 6 vezes no período da guerra, de 1941 a 1945, escondendo a inflação. Mas, em 1938 o presidente Roosevelt interveio no mercado e criou duas empresas de financiamento da habitação, a Fannie Mae e a Freddie Mac, para financiar hipotecas a juros reduzidos, garantidas pela Federal Home Administration.

Elas foram usadas por cada presidente que sucedeu a Roosevelt, como um meio de realizar este estranho valor americano que que cada cidadão deve possuir uma casa, não importa quem. Assim, deram permissão legal a essas duas companhias de comprar hipotecas privadas e incorporá-las às suas carteiras, as subprimes, ou hipotecas de segunda mão.

Mais tarde, nos governos dos presidentes Lyndon Johnson e Richard Nixon, elas foram estatizadas, ou transformadas em empresas públicas, e venderam ações nas bolsas. As pessoas chamaram esta venda de ações de privatização, mas não foi o que aconteceu. Elas continuaram travestidas de empresas privadas e com o mesmo acesso a uma linha garantida de crédito junto ao Tesouro dos Estados Unidos, com direito a taxas de juros mais baixas do que qualquer de suas concorrentes do setor privado.

Nos anos 70, a inflação prevista por Friedrich Hayek ocorreu, virando o que se chamou então de "estagflação", misto de estagnação econômica e inflação. Depois da crise do primeiro choque do petróleo dos anos 70, em que os árabes da OPEP decuplicaram os preços do petróleo, o presidente Richard Nixon acabou

com o que restava do padrão ouro para regular a moeda americana, o dólar, e adotou o câmbio flutuante.

Os Estados Unidos estavam então com inflação elevada, tendo o Fed, Banco Central americano, subido a taxa de juros para compra de títulos do Tesouro para 6% ao ano, numa política monetária para controlar a inflação. Mais tarde o Fed, sob a presidência de Alan Greenspan, abaixou a taxa de juros dos fundos federais de 6 % em Janeiro de 2001 para 1 %, até junho de 2004, por cerca de 3 anos e meio, causando uma explosão inusitada dos empréstimos hipotecários.

Sem a baixa agressiva e prolongada das taxas de juros pelo Fed, os empréstimos hipotecários não poderiam ter explodido daquela maneira. A política monetária adubou o terreno para várias atividades que não teriam sido viáveis sem aquela facilidade.

Mesmo se as autoridades tivessem mantido controles fortes sobre os empréstimos hipotecários, enquanto ao mesmo tempo criavam dinheiro "do ar rarefeito", como escreveu Frank Shostak, em artigo publicado no site do Ludwig von Mises Institute em 29.09.2008, e os excessos teriam surgido em algum outro setor". Os bancos acabariam tendo ativos ruins não-hipotecários. Portanto, a política do Fed foi o ponto crucial do problema.

Assim, antes que culpar os sintomas, o que é necessário é "deixar o mercado trabalhar e fechar todos os buracos que permitem a criação de dinheiro e crédito a partir do nada", como defende Shostak.

É sempre assim, intervenção do governo traz problemas e as autoridades acham que o remédio é mais intervenção, como ensinou von Mises, jogando sempre a conta para os contribuintes pagar. Eles juram que qualquer outra opção seria devastadora para o já sofrendor mercado de habitação.

A razão deste setor estar tão inflado é que os bancos sabiam que a Fannie Mae e a Freddie Mac seriam capazes de comprar qualquer dívida de hipotecas criada pelo sistema bancário. O resultado está no pânico que tomou conta dos mercados mundiais, e que Lula achou que chegaria ao Brasil apenas u'a marolinha e não o tsunami que atingiu a Europa e a Ásia em 6 de outubro de 2008, a "segunda-feira negra", como foi chamada.

Mas vejam que não estamos falando sobre o fracasso do mercado. A imprensa e o governo americano estão se esforçando para encontrar um culpado para esta calamidade (i) os tomadores de empréstimos privados e (ii) os emprestadores, ou seja, os bancos.

Mas a origem dessa tragédia foi a legislação federal americana. Essas duas companhias, Fannie Mae e Freddie Mac, não são entidades de mercado. Elas

foram por muito tempo garantidas pelo Tesouro, ou seja, pelos contribuintes. Assim aconteceu com a atual crise da habitação. Os bancos estão sendo culpados do fiasco inteiro, e o capitalismo está sendo submetido a uma surra.

Mas a causa real permanece, e há só uma razão para a crise que se agravou a esse ponto. A causa está no intervencionismo, como ensinou Ludwig von Mises nos anos 20 do século passado. E acrescento, (i) imprimir dinheiro para comprar duplicatas podres, (ii) estatizar bancos para salvá-los, (iii) investir em infraestrutura para criar empregos não é uma solução de mercado. Isto equivale a apagar incêndio com gasolina.

Só vai prolongar a crise, fazendo sua curva em vez de ser em forma de V, ser em forma de U, com a base dessa letra bem comprida. E a maior parte da conta deverá ser paga pelos mais pobres, através da inflação. Então é preciso cuidado. As reformas financeiras e a regulação do mercado e outras medidas não devem se arriscar a provocar a destruição da fonte desses ganhos de prosperidade, que é o capitalismo.

A maior parte das intervenções, inclusive as políticas casuais, por sua própria natureza, prejudicam em vez de ajudar, em grande parte acrescentando problemas à incerteza e ao risco, que já são tão acentuados, durante esta recessão.

As reações dos governos demonstraram o perigo que as intervenções destinadas a ajudar podem é exacerbar o problema. As intervenções do Tesouro dos Estados Unidos nos mercados financeiros acrescentaram incertezas e reduziram a velocidade de resposta do mercado, que reagindo por si mesmo ajudaria a estabilizar e recapitalizar o sistema.

O governo ignorou contratos e recompensou muitos daqueles cujas decisões erradas ajudaram a criar a desordem. Em consequência das ações do Tesouro, vemos tomadas de decisão erradas no mercado, pois a propriedade do governo de grandes instituições financeiras ameaça substituir decisões de negócios por decisões políticas na administração destas companhias.

Enquanto tais medidas dramáticas podem ser tomadas, elas provavelmente terão sérias consequências adversas. Esses problemas são sintomáticos de três falhas básicas na abordagem atual da crise. Eles são um diagnóstico por demais falho do problema, uma concepção errônea de que os fracassos de mercado são prontamente superados por soluções do governo e um fracasso em concentrar-se nos custos de longo prazo dessas ações.

O Ímpeto de "resolver" os problemas da crise abriu as portas para ações do governo em muitas frentes. Muitas dessas ações têm pouco ou nada a resolver sobre a crise ou as suas causas. Mesmo uma das idéias mais desacreditadas, o

protecionismo, ganhou apoio sob a aparência da estimulação da economia. Tal política seria um grave erro.

Elas não fazem mais sentido hoje do que fizeram há alguns anos e podem levar muito tempo para serem revertidas. O fracasso de inovações financeiras, como seguros apoiados por hipotecas secundárias, problemas causados por modelos de risco que ignoraram o potencial de quedas íngremes nos preços dos imóveis, e a sobrecarga do risco sistêmico, representam claros fracassos de mercado, embora as inovações em finanças também contribuíssem para o crescimento econômico global nas três décadas passadas.

Quem cometeu erros perdeu, e muitos perderam bastante. As instituições que fizeram maus empréstimos e investimentos tiveram grandes perdas em sua riqueza, enquanto os investidores que financiaram essas instituições sem cuidadosa avaliação viram sua riqueza cair para a metade ou muito menos.

As famílias que tomaram empréstimos exagerados também tiveram duras perdas. Considerando as perdas, os atores nesses mercados têm um estímulo forte para corrigir os seus erros na próxima vez. Neste aspecto, muitas ações do governo foram contraproducentes, protegendo atores das consequências das suas ações erradas e impedindo ajustes do setor privado.

As incertezas da confusa política do Tesouro sobre o capital bancário e a estrutura da propriedade, a vontade do governo de modificar contratos de hipoteca e de dívidas, unilateralmente, e a natureza incerta da futura regulação, assim como a ajuda de subsídios impedem a maior recapitalização privada. Antes que resolver problemas, tais políticas tendem a prolongá-los.

A reclamação de que a crise foi devida à insuficiente regulação também não é convincente. Por exemplo, os bancos comerciais estavam mais regulados do que a maior parte de outras instituições financeiras, ainda que eles não tenham ido melhor, e de muitos modos pior. Os reguladores ficaram tomados da mesma mentalidade de bolha que os investidores e falharam em usar a autoridade reguladora disponível a eles.

Em parte, devido ao colapso da construção de casas e dos mercados de capitais, a hostilidade aos homens de negócios e ao capitalismo cresceu fortemente outra vez. E ainda, num mundo que é principalmente capitalista, este é "o único sistema" que pode produzir, além disso, grandes aumentos da riqueza e da saúde, tanto nas nações pobres quanto nas ricas.

Esperamos que os nossos líderes não se desviem demais de um sistema econômico global orientado para o mercado. Assim fazendo, arriscar-se-iam a danificar um sistema que nos serviu bem durante 30 anos.



Não existe sistema mais justo que o capitalismo!
Muito obrigado.

Sobre o autor: Salim Mattar, CEO e Presidente do Conselho de Administração da Localiza, é formado em administração de empresas pela FUMEC – Fundação Universidade de Minas Gerais. Foi eleito por dois anos consecutivos “Best CEO” pela Revista Institutional Investor, uma das mais respeitadas publicações financeiras.